

Teatro
de 26 a 29 de novembro 2014

Nova, Caledónia

de André Guedes e Miguel Loureiro

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Direção artística e dramaturgia André Guedes e Miguel Loureiro **Atores** Crista Alfaiate, Cristina Carvalho, João de Brito e Miguel Loureiro **Espaço e elementos cénicos** André Guedes e Miguel Loureiro **Tradução** (de francês para português) Luís Lima Barreto, Fátima Ferreira **Iluminação** Daniel Worm d'Assumpção **Som** Tiago Martins **Apoio ao movimento** Miguel Pereira, Sérgio Matias **Assistência de ensaios** Sara Graça **Figurinos** Alda Cabacinha (confeção), TNDMII e TEC (empréstimo) **Cabelos** Gonçalo Ferreira de Almeida **Registo fotográfico e vídeo** Pedro Filipe Marques **Coprodução** Culturgest **Produção** O Rumo do Fumo **Residências** Espaço Alcantara **Apoios** CML/DMEV/Quinta da Fonte, Forum Dança, Jardim Botânico de Lisboa, Teatro Experimental de Cascais, Teatro Nacional D. Maria II **Agradecimentos** Artur Madeira e Guilherme Teixeira (Divisão de Manutenção de Espaços Verdes da CML), Maria Teresa Antunes (Jardim Botânico da Universidade de Lisboa), João Mourão, Carlos Bártolo, Sara Carinhas.

O Rumo do Fumo é uma estrutura apoiada por Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes

Na sexta-feira 28, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

De qua 26 a sáb 29 de novembro
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 1h40 · M12

Com o fim da experiência da Comuna de Paris de 1871, momento com que escolhemos terminar o espetáculo anterior (*como rebolar alegremente sobre um vazio Exterior*, Alcantara Festival 2010), uma parte dos revolucionários foi deportada para um lugar paradoxal, a Nova Caledónia.

Paradisiaco e selvagem, o cruel novo território constituiria um lugar impossível para prosseguir o “projeto social” da Comuna, um lugar improvável para a implementação de um programa politicamente atuante ou relevante. Aí, e porventura contradizendo os seus ideais, os *communards* tiveram com os nativos caledónios uma relação praticamente inexistente, ou mesmo reativa, nomeadamente aquando da insurreição canaque em 1878. Em 1880, após sucessivas *démarches* políticas (Clémenceau,

Blanqui) e a demissão do presidente Mac-Mahon, foi-lhes finalmente concedida a amnistia. Praticamente todos os que sobreviveram a este degredo regressaram a França, muitos a Paris, cidade em compasso decidido rumo a uma *Belle Époque*.

Na esteira daquilo que nos motivou na obra anterior, projetámos para este segundo andamento um itinerário múltiplo sobre o fim dos projetos comunitários de pendor bélico e romântico que são as revoluções; sobre a influência do espaço geográfico na estrutura de uma ideia; a noção de paraíso terrestre ligada aos mares do Pacífico Sul, e as utopias criadas nessas latitudes; a convivência entre o anacrónico e o sincrónico. Chamámos a isto *Nova, Caledónia*.

André Guedes e Miguel Loureiro

Relação de alguns dos materiais de pesquisa para o espetáculo (por ordem alfabética do autor)

Diálogos do filme *Louise Michel, la rebelle*, realizado em 2010 por Sólveig Anspach, com Sylvie Testud no papel de Louise Michel, produzido por Jacques Kirsner.

Textos de *Exile to Paradise: Savagery and Civilization in Paris and the South Pacific, 1790-1900*, de Alice Bullard e Allen D. Boyer, publicado em 2000 pela Stanford University Press, Palo Alto.

Textos de *Revolução Social ou a Ditadura Militar*, coletânea de textos de Mikhail Bakunine escritos na década de 1870, publicados em 1975 pela editora Arcádia, Lisboa.

Poema de Bertolt Brecht (Mote dos *Svendborger Gedichte [Poemas de Svendborg]*, 1939) extraído do programa do espetáculo *A Missão – Recordações de uma Revolução* de Heiner Müller, Teatro da Cornucópia, 1983, Lisboa.

Textos de *Louise Michel: Exil en Nouvelle-Calédonie* de Emilie Cappella, publicado em 2005 por Magellan & Cie, 2005.

Fragmento da canção *Frou Frou* composta por Henri Chatau em 1897, com letra de Hector Monréal e Henri Blondeau, interpretada em meados do séc. XX por Line Renaud.

Canção *La Canaille*, com letra de Alexis

Bouvier e música de Joseph Darcier, 1865.

Textos de *La déportation de Louise Michel: Vêrités et légendes* de Joel Dauphiné, publicado em 2006 pela editora Les Indes savantes.

Obra teatral *Le Bagne (A colônia penal)* de Jean Genet, publicado em 1994 pela editora L'Arbalète, Lyon, traduzida por Luís Lima Barreto e Fátima Ferreira.

Fragmento da ária “Summertime” composta por George Gershwin em 1935 para a ópera *Porgy and Bess*, com letra de DuBose Heyward.

Fragmento de “Da geh’ ich ins Maxim”, opereta *Die Lustige Witwe (A Viúva Alegre)* composta por Franz Lehár em 1905.

Fragmento de “Im Tempo des Scherzos. Wild herausfahrend” da *Sinfonia n.º 2 em Dó Menor* (conhecida por Sinfonia da Ressurreição) composta por Gustav Mahler em 1888-1894.

Textos de *La Commune – Histoire et Souvenirs* de Louise Michel. A obra foi editada pela Editorial Presença em 1971 com tradução do poeta Armando da Silva Carvalho.

Textos de *Légendes et Chants de Gestes Canaques* de Louise Michel, publicado em 1885 por Kéva e Cº Editeurs, Paris.

Textos de *Lettres à Victor Hugo: (1850-1879)* de Louise Michel, publicado em

2005 pelas edições Mercure de France, Paris.

Fragmento do ensaio “Prise de possession” escrito por Louise Michel em 1890, reeditado em 2010 em *Louise Michel – Sébastien Faure, Discours et Articles*, Les Éditions de l'Éprevier, Noisy-le-Sec.

Texto “Les déportés de la Commune à l’île des Pins, Nouvelle-Calédonie, 1872-1880” de Pisier Georges publicado no *Journal de la Société des Océanistes* em 1971.

Fragmento do “Scherzo: Vivacissimo” do *Concerto para violino n.º 1 em Ré Maior, Op. 19* composto por Sergei Prokofiev entre 1916 e 1917, solista Ricardo Odnoposoff.

Fragmento de “Galop infernal, n.º 15”, (vulgarmente designado por “French Cancan”) da ópera-bufa *Orphée aux Enfers (Orfeu nos Infernos)*, composta por Jacques Offenbach em 1858 e atualizada em 1874.

Fragmento da ária “Sola, perduta, abbandonata” da ópera *Manon Lescaut* composta por Giacomo Puccini em 1889.

Texto “Os Anarquistas” de Eça de Queirós, originalmente publicado em 1894, e atualmente compilado em *Eça de Queiroz – Textos Políticos*, publicado em 2010 pela editora Babel, Lisboa.

Diálogos do filme *La Vallée (O Vale dos Perdidos)* realizado em 1972 por Barbet

Schroeder, produzido por Mike Kaplan.

Fragmento da valsa *Heiter auch in ernster Zeit, Op. 48* composta por Johann Strauss em 1831.

Acordes finais da ópera *Elektra, Op.58*, composta por Richard Strauss em 1909.

Fragmento de “L’adoration de la terre”, do bailado *Le Sacre du Printemps (A Sagração da Primavera)* composto por Igor Stravinsky em 1913 para os Ballets Russes.

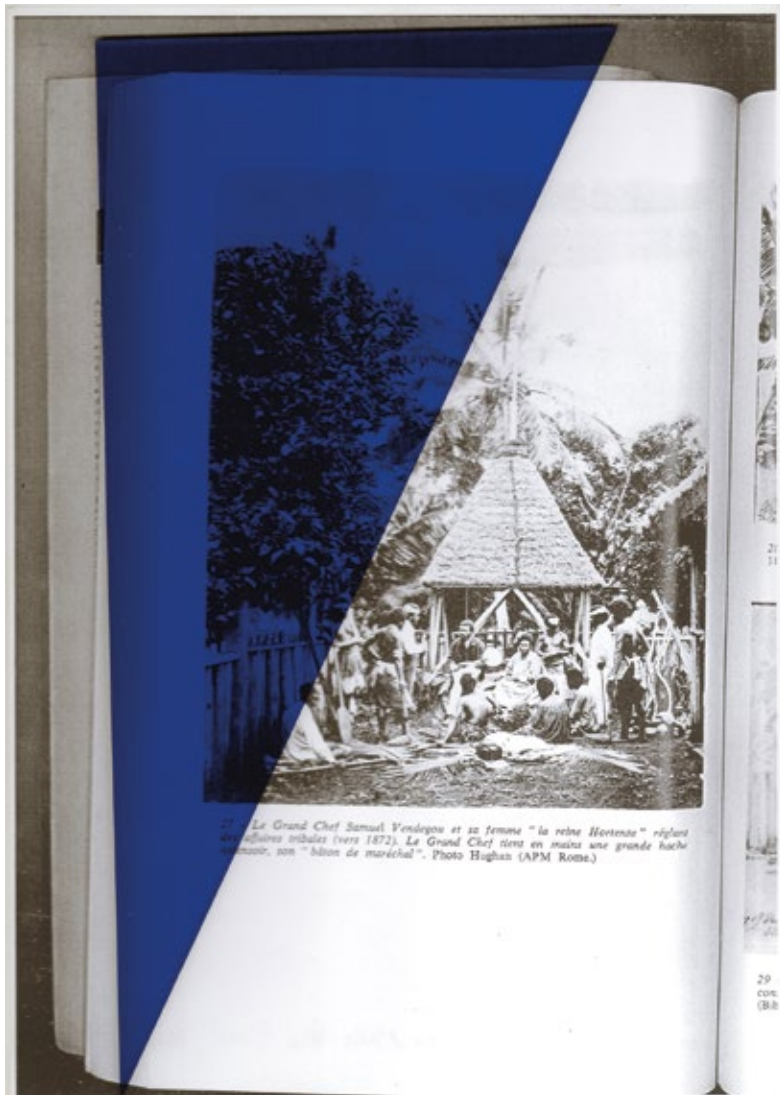
Song Medley interpretado por Ellaline Terriss e Seymour Hicks (estrelas do Gaiety Theatre de Londres durante a última década do séc. XIX) em 1932.

Textos da biografia de Edith Thomas, *Louise Michel ou la Velléda de l’anarchie*, publicada pelas edições Gallimard em 1971.

Fragmento de “Dies irae: Dies illa” da *Messa da Requiem* composta por Giuseppe Verdi em 1874.

Texto introdutório de Diana Vreeland para o catálogo da exposição de vestuário *La Belle Époque* comissariada por Philippe Jullian no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque entre 1982 e 1983.

Fragmento de “J’accuse...!” escrito por Émile Zola a propósito do veredicto do Caso Dreyfus e publicado no jornal parisiense *L’Aurore* em 1898.



Apêndice

Deportação

O governo da jovem República Francesa, presidido pelo Senhor Thiers, mandou prender 36.309 pessoas e fê-las apresentar-se perante os Conselhos de Guerra. Estes funcionaram até 1875. Condenaram 10.137 pessoas. Entre outras penas, que iam da pena de morte à prisão, destacavam-se 251 condenações a trabalhos forçados, 1169 condenações à “deportação num recinto fortificado” e 3417 condenações à “deportação simples”.

Convém recordar brevemente que a pena de deportação tinha sido prevista em 1810 e “consistia em ser transportado e em habitar perpetuamente num lugar determinado pela lei, fora do território continental da República”. Distinguia-se a “deportação num recinto fortificado”, cujos termos exprimem claramente o objetivo, e a “deportação simples”, que submetia o condenado apenas a um simples exílio, a sua “liberdade tendo por limites apenas as precauções indispensáveis para impedir as evasões e a boa ordem.”

Georges Pisier

Les déportés de la Commune à l'île des Pins, Nouvelle-Calédonie, 1872-1880

Desejo

Examinei a costa que preenchia o horizonte, e todos os pormenores que

conseguia distinguir só alimentavam uma tristeza melancólica que tomava cada vez mais conta de mim. Se neste momento me tivesse sido concedido um desejo, teria sido certamente o de que o [nosso navio] Rhin se afastasse da costa e desaparecesse o mais depressa possível desta terra lúgubre e inóspita.

Jean Allemane

Mémoires d'un communard (1906)

Terra longínqua

“Mil e quatrocentos quilómetros a leste da Austrália, situada entre os 20° e os 23° de latitude sul, e entre os 164° e 167° de longitude este, 400 quilómetros de comprimento, 40 a 50 de largura. Duas elevações: o monte Panié (1650 metros) e o monte Humboldt (1634 metros); um rio, o Diabot; costa rodeada por recifes de corais; clima saudável e temperado.” Assim é, de acordo com os dicionários, a terra longínqua que, de 1863 a 1896, a administração penitenciária destinava aos condenados com mais de oito anos de trabalhos forçados.

Edith Thomas

Louise Michel ou la Velléda de l'anarchie

Os Brancos

Quando vieram nas suas grandes pirogas, cortaram as árvores para prenderem as asas dos barcos deles: isso não tinha importância para nós. Comeram inhame: isso não tinha importância para nós. Mas ocuparam as terras, serviram-se das mulheres, dos jovens – deviam

ser muito infelizes na terra deles para virem de tão longe.

Atai, chefe canaque
La Commune – Histoire et Souvenirs de
Louise Michel

Eu vou semear florestas...

Carta de Louise Michel a Henri Bauër,
6 de junho de 1876

Orquestra canaque

Ela [Louise Michel] abre um caminho novo para a música. Nesse domínio, teve sempre a curiosidade pelo estranho e tinha sonhado com uma espécie de piano onde os martelos fossem substituídos por arcos. Os deportados tinham fundado um teatro com diretores, atores, maquinistas e cenários. Representavam-se dramas, *vaudevilles*, operetas.

Louise, ajudada por Daoumi [nativo canaque amigo de Michel], tinha querido apresentar um espetáculo muito diferente: ramos de palmeira agitados, bambus batidos, gritos extraídos de uma concha em forma de corno, sons de uma folha colada à boca: toda uma orquestra canaque com o seus quartos de tom. Os deportados da Comuna, habituados aos teatros do Segundo Império, indignaram-se com a sua “selvajaria”.

Emilie Cappella
Louise Michel: Exil en Nouvelle-Calédonie

O número 5160

Era em abril, no outono tropical,
Ferindo com seu fogo mais o homem
que o chacal.
Tinha por meu parceiro o ex-carrasco
de Caiena,
Mil vezes assassino, com seu focinho
de hiena.
Ostentando a infâmia como um edital,
Fiel a Bonaparte, havia transformado
Em cutelo afiado o facão habitual,
Para ser útil à nova Carta e ao seu
senhor.
Mais de um republicano, rebelde ao
novo jugo,
Fora já ceifado às mãos daquele
verdugo.
Seguíamos a passo, ele à frente e eu
atrás,
Acarreando aos ombros um tronco
gigantesco.
Eu, modesto carregão, não me sentindo
capaz,
Alijei com o fardo, para poder
descansar.
Deu por isso o guarda de forçados,
Inimigo da República e por todos
detestado.
Lançou-me então insultos odiosos
Irrepetíveis para ouvidos escrupulosos.
– “Como te chamas?”, gritou com voz
bovina
– “Sou o número cinco mil cento e
sessenta.”
– “Nome!”, repetiu, no seu tom
avinhado.
Eu disse-lho.
“C’os diabos, já tinha calculado!
Conta isto nuns versos, homem das
letras!”





Les mes Frea. Déportés devant leur gourbi. — Le photographe Hughan a disposé son monde avec un grand sens de la composition. Barbes, glabres ou moustachus, coiffés de bôrets, de casquettes ou de képis, habilés de drap, de valours ou de toile, il a fort habilement réparti ces douze déportés en les faisant s'asseoir ou s'allonger. L'homme debout, appuyé sur l'échelle, bloque l'image sur la droite. Four maître un peu de couleur locale devant cette paillotte et bien montrer qu'on n'est pas aux grandes manœuvres, au quelque part au camp de Calhoun, il a invité trois jeunes canaques qui passent par là avec un régime de bananes et un panier plein de noix de cocos à venir se placer au premier plan. On cause; on fume la cigarette ou la pipe; on tue le temps comme on peut... Seul l'homme au gilet semble faire quelque chose qui parait graver une noix de coco. L'ennui, le plus lourd ennui, pèse sur cette scène, qui révèle un excellent photographe. Il n'y avait que peu de temps qu'on était arrivé, comme le montre la rusticité de l'installation. Combien de jours faudrait-il encore vivre ainsi?... (Photo Hughan, 1873, Paris, photothèque de Missions des Iles.)

Malhou em mim, como numa bigorna,
Com o guarda-sol com que andava
equipado.

O deus dos bons rurais, cortejo
angelical,
Deve ter abençoado o seu doce paisano,
Que assim monarquizou um bom
republicano

Está escrito, fiz um poema para aquele
tirano.

Henri Brissac
Ilha Nou, na prisão de noite, 1873

O Canto dos Transportados

Vasto oceano, tuas vagas espumantes
Viram passar os soldados do futuro,
Calmos e ativos, nas prisões flutuantes.
Por saberem morrer, teu furor
desprezavam.

Se os seus esbirros temiam a borrasca,
Nunca a eles o medo os assaltou,
Sobre eles em vão os raios se abatiam,
Para experimentar os filhos do rei-povo.

Refrão:
Se a pátria está acorrentada,
Seja por eles libertada!
Por eles, a França amada
Recupere a energia
E seja regenerada!

Quando o mar acalmar, oh, derrota
suprema,
As ondas acalmadas os levarão a terra.
Sendo a morte preferível ao degredo.
Bem teriam podido ter-lhes tirado a
vida.

Ilha maldita, novo inferno de Dante,
São teus agora! Atulha os calabouços!
Para os sujeitares inventa mais
tormentos

E redobra o teu número de carrascos.

Sobre um rochedo, sondando o hori-
zonte obscuro,
Onde o sol há pouco vem de cavar seu
leito,

Na sombra, derreados, podemos ainda
vê-los,

Ainda em pé, nutridos pela esperança.
São os teus filhos, ó França bem-amada,
Ouve os seus gritos, acalma a sua dor,
Não percas tempo, a onda desolada
Enrola já os mortos nos corais em flor.

Jean Allemane
Feito na céluia, ilha Nou, setembro-
outubro de 1876

A Nouméa Recordações da Caledónia – Canto dos Cativos

O inverno aqui não tem lugar,
Os bosques são sempre verdes:
Do oceano, a fresca brisa
Sopra sobre os desertos tristes,
E o silêncio é tão profundo
Que o inseto que se agita
Perturba a calma do ar.

À noite, nas praias distantes,
Eleva-se às vezes um doce canto,
São os pobres moluscos
Que o produzem ao abrir-se.
Na floresta, os aloendros,
De flores de novo abertas,
Estremecem de amor com o vento.

Vede, das ondas às estrelas,
Subir a brancura vaga!
São frotas a plenas velas
Na profundidade imensa
Da noite que ilumina o mundo,
Vede sair do seio das ondas
Esses fulgores fosforescentes.

Vem salvador, leve navio,
Iça o cativo para bordo!
Aqui, a ferros, perece:
É pior que a morte o degredo,
Dentro de nós não morre a esperança,
E, se voltarmos a França,
Será para lutar de novo.

Louise Michel

Para Victor Hugo
Cidade de Numbo Península Ducos

Caro Mestre,
Espero que um volume de versos lhe
chegue às mãos. Estou a acabá-lo com
essa ideia.

O senhor habita na morte com o seu
filho, eu habito-a com os meus irmãos,
os melhores e os mais valentes.

Não é verdade que a morte é melhor
que a vida e que, quando se está nela,
somos por vezes tomados de uma tão
profunda piedade por todas as deceções
humanas que nem mesmo nos sentimos
já existir e não sei que espécie de febre
de luta nos toma? Parece que os maiores
obstáculos já não são nada, tudo desapa-
rece de novo na contemplação de uma
ideia triunfante.

Se eu tivesse aqui *Les Châtiments*,
como seria bom relê-los no deserto!
Permita-me que mande um beijo à

querida Madame Maurice e receba,
caro Mestre, através do oceano, tudo o
que pode estremecer e revoltar-se no
coração do poeta.

Louise Michel
8 setembro 1874
[datação de Edith Thomas]

Para Victor Hugo

Caro Mestre,
Está a pensar – não é verdade? – que
por não ter recebido nada do livro que
lhe destinei, perdi toda a minha energia.
Pois bem, tendo ficado surpreendida
com a partida de Madame Passedouet, e
estando tudo em folhas soltas, mando-
-lhe um pisa-papéis de madreperla,
pela necessidade de lhe mandar qual-
quer coisa do nosso deserto.

Escreva-me, caro Mestre, e não me
julgue demasiadamente infeliz; chega
um momento em que, depois das cartas
perdidas, se fica tão indiferente a si pró-
pria que não se vive mais no seu ser do
que na onda que quebra ou no ciclone
que rugue.

Quando perto da morte, a individuali-
dade deixa de existir. Entretanto, vivem
as lembranças.

Até breve, caro Mestre, pensamos em
si e amamo-lo.

Louise Michel
1875

Miguel Loureiro

Formação no IFICT e na Escola Superior de Teatro e Cinema. Frequentou o seminário “The Rhetorics of Testing” com Jan Ritsema e Bojsana Cvejic na Fundação Gulbenkian. Intérprete em espetáculos de teatro, ópera e *performance* com Nuno Carinhas, Luis Miguel Cintra, Bruno Bravo, João Grosso, Luís Castro, André Guedes, Pedro Barateiro, Sara Carinhas, Lúcia Sigalho, Maria Duarte, Álvaro Correia, Jean-Paul Bucchieri, Carlos Pimenta, André e. Teodósio e João Pedro Vaz. Encenador com estruturas como o Cão Solteiro, O Rumo do Fumo, Galeria ZDB e Mala Voadora. Entre as suas encenações, destaquem-se as mais recentes: *Fábulas* de Esopo

(no espaço Há-Que-Dizê-Lo); *Vida de Maria*, a partir de Rainer Maria Rilke (O Rumo do Fumo/São Luiz Teatro Municipal, 2011); e *como rebolar alegremente sobre um vazio Exterior*, com André Guedes (festival Alcantara 2010). É autor de várias performances, nomeadamente *MINAJesque* (Casa Conveniente, 2013) e *Experimentalismo Social* (Há-Que-Dizê-Lo, 2013). Por *Juanita Castro* (Casa Conveniente, 2008) recebeu uma Menção Honrosa da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro. Recebeu ainda o Prémio de Interpretação do Concurso Teatro na Década, em 1997, por *Contos do Ócio*. Nomeado para o Prémio de Teatro Europeu – Novas Realidades Teatrais. Diretor Artístico do colectivo 3/quartos, fundado em agosto de 2011.



© Pedro Filipe Marques

Escreveu a peça *Pergunta a Duquesa ao Criado* (Ciclo Leituras no Mosteiro, TNSJ, 2012).

André Guedes

Licenciou-se em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e frequentou o mestrado de Antropologia do Espaço na Universidade Nova de Lisboa. Realiza desde 2012 o doutoramento em Arte Contemporânea no Colégio da Artes da Universidade de Coimbra. Recebeu em 2007 o Prémio de Artes Plásticas União Latina. As suas obras foram apresentadas em diversas instituições, nomeadamente: Centro de Arte Moderna/Fundação Calouste Gulbenkian; Biennale de Rennes; Gasworks, Londres; Kunsthalle Lissabon; Colexio de Fonseca, Santiago de Compostela; Galeria Crèvecoeur, Paris; Centro Cultural Montehermoso, Vitoria; The Bluecoat, Liverpool; Galeria Miguel Nabinho; Chiado 8; Galeria Lisboa 20; Museu de Serralves; Fundación Marcelino Botín, Santander; Center Sodobnih Umetnosti, Celje; De Appel, Amesterdão; Bienal de Atenas; Dunkers Kulturhus, Helsinborg; Koldo Mítxelena, San Sebastian; Museu das Comunicações; Palais de Tokyo, Paris. Concebeu o espaço cénico e os figurinos para as coreografias *Bons Sentimentos*, *Maus Sentimentos* e *como rebolar alegremente sobre um vazio interior* de Vera Mantero, *Hors Sujet* ou *Le Bel Ici* de Martine Pisani e *Notas para um espetáculo invisível* de Miguel Pereira. Foi coautor dos espetáculos *Aqui Também*

Acabou com a companhia de teatro Cão Solteiro, e de *como rebolar alegremente sobre um vazio Exterior* com Miguel Loureiro.

Crista Alfaiate

Inicia a sua formação artística no Teatro da Comuna. Em 2004 termina o curso em Formação de Atores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Tem trabalhado enquanto atriz com criadores como João Brites no Teatro O Bando, Jorge Andrade na Mala Voadora, João Pedro Vaz e Comédias do Minho, Jorge Silva Melo nos Artistas Unidos, Miguel Loureiro, Giacomo Scalisi, Rogério de Carvalho, Gonçalo Amorim e Joana Providência, entre outros. Bolseira de Inov-Art em 2011, em Nova Iorque, com a companhia de Teatro Elevator Repair Service. Integrou a École des Maitres em 2013, com Constanza Mackras. Em 2014, cria em parceria com Carla Galvão o projeto *Lá Fora*. No cinema destaca a sua participação nas longas-metragens *A Espada e a Rosa* de João Nicolau, *4 copas* de Manuel Mozos e *As Mil e Uma Noites* de Miguel Gomes.

Cristina Carvalho

Licenciada em Teatro-Educação pela Escola Superior de Teatro e Cinema, iniciou a sua atividade como atriz em 1987, no teatro, experimentando posteriormente o cinema e a televisão. No teatro trabalhou com Nuno Cardoso, Nuno Carinhas, Sandra Faleiro, Carlos J. Pessoa, Tiago Rodrigues, Mónica Calle, Fernanda Lapa, Fernando Gomes, João



Lourenço, entre outros. Em 2004 criou a sua própria estrutura de produção teatral (www.causascomuns.net) e tem dirigido diversos espetáculos. *Uma Família Portuguesa* foi apresentado em Turku, Capital Europeia da Cultura 2011. *A Orelha de Deus* recebeu o Prémio Autores 2010 Teatro – Melhor Espectáculo, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores. Foi cofundadora da companhia teatral Escola de Mulheres. Leciona habitualmente em diversas escolas superiores.

João de Brito

Licenciado em Teatro – Formação de Atores, pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Complementou a sua for-

mação com Victor Hugo Pontes, João Mota, Miguel Borges, Miguel Seabra, Nuno Pino Custódio e Luca Aprea, entre outros. Trabalhou em teatro com: Teatro Experimental do Porto (Gonçalo Amorim), Teatro dos Aloés (José Peixoto e Jorge Silva), Artistas Unidos (Jorge Silva Melo), Teatro O Bando (João Brites), Colectivo 84 (Nuno M. Cardoso), Projecto Ruínas (Carlos Marques), Giacomo Scalisi, Miguel Fragata, Marta Lapa, Tiago Cadete, Marco Paiva, Yola Pinto, Cristina Carvalhal, Paulo Lage e Ávila Costa, entre outros. Em Cinema trabalhou com Maria Pinto, Philip Rylatt, Telmo Vicente e Margarida Gil. Participou em séries de televisão, publicidade e locuções. Colabora com o Serviço

Educativo da Culturgest desde 2010. Cofundador e diretor da associação LAMA (Laboratório de Artes e Media do Algarve).

Daniel Worm D'Assumpção

Desenhador de luz independente firmado em Lisboa, iniciou a sua carreira profissional de técnico de luz em 1984, trabalhando em instituições como Ballet Gulbenkian, Acarte, Teatro Nacional São João (Porto) e Teatro Camões – Expo98. Desde 1987 que colabora com o seu trabalho de iluminação com encenadores, coreógrafos e compositores como Constança Capdeville, João Natividade, Clara Andermatt, Margarida Bettencourt, Aldadra Bizarro, Rui Lopes Graça, Duarte Barrilero Ruas, Ricardo Pais, Luis Miguel Cintra, Giorgio Barberio Corsetti, Christine Laurent, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Francisco Camacho, Lucia Sigalho, Miguel Loureiro, Carlos Pimenta, Paula Diogo, Joaquim Horta, Nuno Nunes, Tim Carroll, Inês de Medeiros, Luca Aprea, Pedro Penim, André e. Teodósio, Tónan Quito, Paulo Castro, Patrícia Portela, Jorge Andrade, Paula Sá Nogueira, Vasco Araújo, Sofia Dinger, Mónica Calle e André Guedes, entre outros.

Tiago Martins

Formado em Arquitetura pela Universidade Autónoma de Lisboa. Trabalhou com Paulo Mendes da Rocha e com Renzo Piano. Fez figuração em dez óperas no Teatro Nacional de São

Carlos. Em 2011, abre o seu próprio estúdio de gravação, onde realiza trabalhos de composição de música original para cinema, teatro, televisão, livros digitais, conteúdos web, etc. Dos trabalhos de composição musical, destaca: sonoplastia para as peças *AFTER – um delirium fora de horas*, *A abóbada não caiu, a abóbada não cairá*, *O Tempo e a Ira*; produção, coreografia e realização do videoclip da banda musical *Memória de Peixe*; música original para nove livros digitais para o CITI (Universidade Nova de Lisboa); música original, captação e pós-produção de áudio e edição de vídeo para a curta-metragem *Até Quando* de Jorge Cramez; música original para a série da RTP2 *Ingrediente Secreto* de Henrique Sá Pessoa; música original para o espetáculo *Coisa pra Dizer* de Nilson Muniz no Festival Silêncio 2011; criação do projecto *DJ Tony – Pimbatronic*; e criações sonoras para a companhia Artelier? – Teatro de Rua desde 2009.

Próximo espetáculo

Território

de Joana Providência

Dança Sex 5, sáb 6 de dezembro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração prevista: 1h15 · M12



“*Território* é o que a coreógrafa Joana Providência viu quando fechou os olhos e acordou no mundo primordial, e muito anterior às palavras, de Alberto Carneiro. Não é de lá que somos todos?” *Inês Nadais, Ípsilon, 17 de outubro de 2014*
Uma obra que parte do conceito de Alberto Carneiro de “arte ecológica”, da ideia de “relação vivida com a Natureza”, da procura das sensações estéticas e dos valores da Terra que se imprimem no Homem.

Próximo espetáculo de teatro

Pocilga

de Pier Paolo Pasolini

Encenação de John Romão

Teatro Qui 15, sex 16, sáb 17 de janeiro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h30 · M12



Corpos e porcos são aqui objeto de uma mesma ocultação, de uma única depreciação. Pasolini conta a história de um homem cuja paixão é motivo de escândalo, e de uma aliança política para calar “tudo o que não vive”, ou seja, tudo o que não é visto aos olhos do outro. O amor, o sagrado e o político são três das dimensões deste espetáculo.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiários:

Ana Pessoa

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Mariana Frazão

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
